

## JESSICA JONES: UMA REFLEXÃO SOBRE *NOIR* E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

Jailda Passos Alves (Pós Crítica/UNEB)<sup>18</sup>

*Resumo:* O presente trabalho trata-se de um recorte do projeto “Jessica Jones: jornada da heroína nas mídias *graphic novel* e websérie”. Objetiva-se, aqui, analisar as implicações estéticas do estilo *noir* por meio de uma análise de *corpus* da sequência abertura da websérie *Jessica Jones* (2015) e da série de *graphic novel Alias* (2001-2004), segundo os pressupostos de Guimarães (2014), Mascarello (2006) e Neale (2000). Concomitantemente, traremos o conceito de remediação dos autores Bolter e Grusin (2000) como base para compreender o processo de renovação de conteúdos anteriores de uma mídia por outra, no caso estudado: *graphic novel* — websérie. Com vistas a problematizar a maneira pela qual a teorização acerca da codificação do feminino encontra-se imbricada pelos modelos vigentes na sociedade contemporânea, utilizaremos como chave de leitura a performatividade de gênero de Judith Butler (2003), que se ocupa em levantar questionamentos sobre o caráter de controle social e a normatização em torno do gênero, confrontando os seus estreitos limites e as regras que são impostas durante a jornada da heroína, dessa forma, nesse último momento, em termos de elemento estrutural da ficção, nosso estudo recai sobre a personagem.

*Palavras-chave:* Personagem. *Noir*. Performatividade de gênero.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um desdobramento de um projeto de pesquisa maior denominado “Jessica Jones: jornada da heroína nas mídias *graphic novel* e websérie” o qual fora submetido ao programa do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia. De modo sucinto, neste projeto, propõe-se desenvolver um estudo voltado a construção e remediação (BOLTER; GRUSIN, 2000) da heroína Jessica Jones, contemplando dois conceitos centrais: 1) jornada da heroína (MURDOCK, 1999), compreendida como uma jornada dupla: midiática, por meio do processo de transmídiação e da narrativa dessa personagem, representativo desse tipo de feminino; e 2) performance de gênero (BUTLER, 2003). No entanto, para esse trabalho nos concentraremos na análise sobre: 1) as implicações estéticas do estilo *noir* por meio da exploração da sequência de abertura da websérie *Jessica Jones* (2015) e da série de *graphic novel Alias* (2001-2004), segundo os pressupostos de Guimarães (2014), Mascarello (2006) e Neale (2000), compreendendo que a primeira mídia mencionada trata-se de uma remediação da segunda; 2) a performatividade de gênero da Personagem Jessica Jones.

Jessica Jones é uma personagem da série de *graphic novels* denominada *Alias*. Sua primeira aparição foi em 2001, quando lançou-se a primeira *graphic novel*, sendo produzida até o ano de 2004 — totalizando 28 *graphic novels* — por Brian Michael Bendis e Michael Gaydos. A partir de então a personagem tem transitado e/ou protagonizado diversas outras mídias, como: jogos, *fanfictions* e webséries. Faz-se relevante destacar compreende-se como *graphic novel* (em português romance gráfico) as produções que se inserem em um subgênero narrativo derivado do gênero Histórias em

<sup>18</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Felix. Endereço eletrônico: jailda.alves@outlook.com.

Quadrinho (HQs), integrado ao gênero romance, como o próprio nome sugere. A websérie *Jessica Jones* é uma homônima a personagem, criada e dirigida pela norte-americana Melissa Rosenberg, lançada em 2015 para a Netflix, contendo 13 episódios, sua segunda temporada foi disponibilizada em 2018, também em 13 episódios. Essa narrativa trata-se de uma produção remediada da coleção de *graphic novel Alias* (2001-2004). Para Bolter e Grusin (2000), a remediação é a representação de um meio em outro, realizando, concomitantemente, a renovação de conteúdos anteriores pelas novas mídias. Neste sentido, há a renovação da narrativa de *Alias* para outra mídia, como é o caso da websérie *Jessica Jones*. Dentre as várias possibilidades de explanação desses objetos, dentro desse projeto e fora dele, reter-nos-emos a reflexão acerca das implicações estéticas do estilo *noir* por meio de uma análise de *corpus* da remediação realizada pela sequência abertura da websérie *Jessica Jones* (2015), paralelamente com a série de *graphic novel Alias* (2001-2004).

## 1 JESSICA JONES: A WEBSÉRIE

De início, faz-se relevante considerarmos a problemática da representatividade da super-heroína em meio ao universo de remediação: *graphic novel* — webséries ou seriados. Super-heroínas sempre estiveram presentes nas *graphic novel*, mas não com frequência são tomadas como protagonistas, padrão que se reflete também nas remediações audiovisuais. Todavia, dentre as produções audiovisuais protagonizadas por super-heroínas emergidas das *graphic novels*, pode-se notar: *Wonder Woman* (1975-1979; 2018), *Catwoman* (2004), *Elektra* (2005), *Supergirl* (2015), *Agent Carter* (2015-2016), e, nosso objeto de estudo, *Jessica Jones* (2015), uma amostra consideravelmente baixa ao se observar os universos das editoras norte-americanas, Marvel e DC, do composto por super-heróis. Algumas das heroínas mencionadas não são protagonistas de *graphic novel*, como por exemplo *Elektra* e *Agent Carter*, contudo, nas suas adaptações, são tomadas como personagens principais da narrativa. Assim, constata-se, ao observarmos os anos de lançamento destes produtos, que a maioria deles surgiram nos últimos anos, mais especificamente, a partir de 2004 e outras produções já estão encaminhas<sup>19</sup>. Ao ponderarmos, quais fatores tem impulsionado na criação e difusão de tais produtos, uma possível resposta eclode ao refletirmos sobre a noção de “indústria cultural” e de “mundo administrado” dos críticos Adorno e Horkheimer (2006). Para eles, a cultura é tida como um campo de exploração econômica, que preocupa-se somente com a geração de lucros, com a produção de mercadorias, e com a adesão desse sistema capitalista por parte do público consumidor. Dessa forma, indústria cultural pode operar e de acordo “com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive suspendendo a diversão” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 13).

---

<sup>19</sup> Capitã Marvel em 2019, o que pode ser considerado como um aspecto positivo.

Comparativamente com as demais produções do mesmo gênero, tanto as *graphic novels* quanto a websérie *Jessica Jones* (2015) é considerada pelo seu público consumidor como algo insólito, tal percepção dá-se devido a esfera da narrativa e a performance da personagem. Em ambas as mídias pode-se notar uma expressiva influência da literatura e cinema *noir* por meio das técnicas utilizadas. Dessa forma, iremos explicar sobre os recursos estéticos do gênero *noir* e a sua implicação nas narrativas, tais como os itens iconográficos, luzes e análise de padrões sobre sexualidade e gênero segundo os pressupostos de Guimarães (2014), Mascarello (2006) e Neale (2000).

### 1.1 JESSICA JONES: REMEDIAÇÃO DAS PÁGINAS PARA O AUDIOVISUAL

Podemos identificar remediado pressupostos estéticos do estilo *noir*, na *graphic novel* e na websérie. No entanto, nessa análise, focaremos somente na abertura da websérie e em algumas passagens das *graphic novels* que se relacionem com a cena abertura. Para tanto, faz-se relevante termos em mente os elementos narrativos presente nos filmes *noir* que estiverem em auge entre as décadas 1940 e 1960, após a Segunda Guerra Mundial, nos EUA. Mascarello (2006), citado por Guimarães (2014), elenca a ambientação em um cenário urbano (geralmente à noite), ruas escuras ou desertas; entre os itens iconográficos estão espelhos, janelas, escadas, relógios etc. (figura 1). Nos filmes *noir*<sup>20</sup>, segundo Guimarães (2014), suas estratégias estéticas podem relacionar-se com ícones do ambiente de suspense com a tentativa de metaforização de traços dos protagonistas. Citando Porfirio (1985), Neale ressalta que sons e músicas no *noir* são estratégias usadas para acentuar o subjetivo, estado psicológico e a atmosfera da cena<sup>21</sup>.

Figura 1: Itens iconográficos característico dos filmes *noir*



Fonte: capturas de tela de *Jessica Jones*, episódio 10, 2015.

Na abertura de *Jessica Jones* é perceptível a maioria dos pontos estilísticos destacados por Mascarello (2006): logo após o passar de páginas da *graphic novel*, faz-se uso da câmera subjetiva que nos conduz juntamente com o(a) personagem, inicialmente, em meio as sobras de um muro,

<sup>20</sup> Neale (2000) ao discorrer sobre o visual e expressionismo aural dos filmes *noir* cita vários estudiosos que buscaram compreender o gênero, concluindo que existem “noirs” por seus diversos rótulos que variam de acordo com os teóricos. Porém, nesse trabalho faremos uso dos postulados de Mascarello (2006) e Guimarães (2014).

<sup>21</sup> Na sequência de abertura temos uma trilha sonora composta por Sean Callery exclusivamente para a websérie, ela consegue transpassar ao espectador(a) o tom da narrativa ao mesmo tempo que observamos e tentamos decifrar a cena.

revelando em seguida uma rua praticamente deserta, como observa-se acima na figura 1 que compõe a sequência de gravuras iniciais. A partir de então são mostrados outros pontos da cidade em forma de *flashes*, com iluminação antitética, dos espaços urbanos — sempre escuros atravessado por faixas luminosas. Deste modo, somos tomados como testemunhas do olhar de um(a) terceiro(a) que observa o que acontece nos prédios, através das janelas, ou em determinadas ruas, examinando por meio das grades, ou até dentro de carros. Dentre os conjuntos arquitetônicos presentes, alguns estão decadentes, em uma atmosfera densa, enquanto outros apresentam determinados itens iconográficos característico dos filmes *noir*, como as escadas. Essas escolhas provocam no(a) espectador(a) um clima de suspense — o que na websérie acentuado pela música — , por vezes até assustadoras, devido a sua atmosfera sombria com as suas casas e ruas assombreadas que seguem quem corre ou anda pelas ruas, na grande maioria, com a iluminação precária trazendo também a sensação de conflito ou de um local que abriga crimes e violência.

Figura 2: Itens iconográficos em *Alias*



Fonte: *Alias*, 2001-2002.

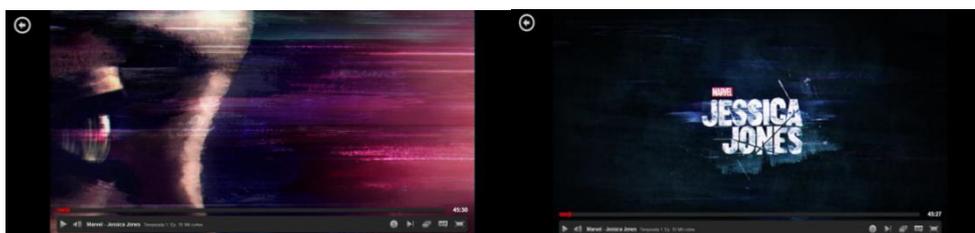
Cotejando as figuras 1 e 2 evidencia-se o estilo visual do *noir* presente nas duas mídias, marcada pela tensão entre luz e sombra, o uso do efeito da iluminação *low-key*<sup>22</sup> para criar sombras incomuns, mais evidente na figura 6. O estilo *low-key* consegue esconder os rostos, cobrindo prédios e paisagens urbanas na escuridão, proporcionando um clima de apreensão e ameaça.

No final da sequência de abertura descobrimos a quem pertence o ponto de vista que estávamos acompanhando: à Jessica Jones, cujo nome é apresentado em uma metáfora para um espelho ao rachar-se (figura 3). Ao refletirmos sobre os motivos do nome da personagem ser apresentado dessa forma, faz-se possível várias interpretações sobre traços da personalidade e vida de Jones, sem ainda adentrar ao episódio primeiro episódio, uma vez que na abertura já nos são

<sup>22</sup> Low key é a técnica usada para imagens formadas principalmente por tons escuros. Nela poucos detalhes são utilizados os tons claros, quando usado será para sugerir/destacar o assunto abordado.

apresentadas informações sobre a protagonista, como a sua provável profissão e a atmosfera na qual ela está inserida. Sendo assim, pode-se inferir que, assim como o nome, a personagem Jessica Jones também não estaria intacta, seja psicologicamente ou fisicamente, assim, servindo como uma forma de ilustrar que há um problema, que a heroína está “quebrada” em decorrência a um fato passado que retorna, de certa forma, ainda a assombra, portanto, isso, conseqüentemente, reflete no seu modo de vida. Se olharmos o nome não sob a ótica do espelho, mas de um simples partir-se, conseguimos ainda relacionar a própria identidade da personagem e a sua identidade de super-heroína, por estar cindida assim como as identidades de outras super-heroínas e outros super-heróis.

Figura 3: Final da sequência de abertura



Fonte: capturas de tela de *Jessica Jones*, episódio 10, 2015.

É nessa atmosfera densa e obscura que se movem os personagens entre os quais, nos filmes *noir*, de acordo com Guimarães (2014), pode-se comumente notar detetives, com seus longos sobretudos ou capas de chuva e chapéus, às voltas com *femmes fatales*. Segundo Neale (2000), as principais características do *noir* seguem um estereótipo de gênero, incluem: tratamento desigual do desejo sexual e relações sexuais, distinção dos tipos de caráter, comportamento e ideais de acordo com o gênero — masculino e feminino. Geralmente a narrativa centra-se em personagens masculinos, as personagens femininas tendem a performar de três formas: *femmes fatales*, sedutora e perigosa; confiável, como esposas ou namoradas; ou ainda, como afirma Neale (2000), as personagens femininas no *noir* aparecem em função dos dilemas masculinos.

A partir de 2008 a Marvel lançou uma coleção com essa temática chamada *Coleção Marvel Noir* que traz as versões ao estilo da filmografia *noir* dos anos 1940. *Alias* não faz parte dessa coleção por ter sido produzido entre 2001 a 2004, mesmo assim, apresenta algumas características do gênero *noir*, as quais, algumas, são remediadas e subvertidas. Sendo assim, em *Alias* e na websérie *Jessica Jones* não temos um detetive, como vemos nos mais famosos filmes *noir*, mas sim uma detetive; não um herói, mas uma anti-heroína; não se tem o espaço da sedução reservado às *femmes fatales* estereotipadas do gênero, mas, em contraponto, nota-se um antagonista que usa os seus poderes para manipular e, conseqüentemente, causar a destruição da anti-heroína — ao mesmo tempo em que lhe atribui a culpa pela atração e destruição que ele lhe provoca, ou seja, é ele que oferece perigo a personagem principal.

## 2 JESSICA JONES: A PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

Para a conceptualização de performance de gênero, utilizamos como suporte basal a teoria cunhada por Butler em seu trabalho intitulado *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* (2003). Para Butler o gênero é uma construção dada através de atos performáticos, nas palavras da autora:

A repetição paradisíaca do gênero denuncia também a ilusão de identidade de gênero como uma profundidade intratável e uma substância interna. Como efeito de uma *performativamente* sutil e politicamente imposta, o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autonomia e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu *status* fundamentalmente fantasístico (BUTLER, 2003, p. 211).

Nesta perspectiva, a performatividade do gênero se ocupa em levantar questionamentos sobre o caráter de controle social e a normatização em torno do gênero, confrontando os seus estreitos limites e as regras que são “naturalmente” impostas. Uma vez que cabe ao sujeito a autonomia de realizar “paródias de si mesmo”, isto é, cabe ao sujeito agir politicamente a partir do corpo, visto que o nosso modo de performar moldará a nossa identidade, a qual, por sua vez, precisa ser performada o tempo inteiro em um ato intencional, produzindo assim significado. Tendo-se em mente os discursos e produções que naturalizam a heterossexualidade, como bem enfatizada por Butler, a crítica de gênero deve forçar-se no confronto as normatizações que não só regem as relações sociais, mas também os nossos corpos, já que tal naturalização, conseqüentemente, gera a marginalização de qualquer sujeito que não estiver enquadrado(a) aos padrões impostos, sendo classificado(a) como desviante.

Destarte, ao analisarmos a personagem Jessica Jones, notaremos que embora ela seja um desvio de padrão de super-heroína, como alguns ou algumas fãs a consideram, em contraposição com outras super-heroínas das *graphic novel*, como por exemplo, *Wonder Woman*, devido a subversão do *femmes fatales* ou por performar uma super-heroína decadente, ela recai em uma normatização/naturalização de performatividade de gênero. Isto é, a personagem faz uso de uma linguagem coloquial, inclusive no trabalho, incorporando palavrões constantemente em suas falas, possui vício em bebidas alcoólicas, um modo grosseiro de tratar as outras pessoas, mantém relações sexuais durante a narrativa e ainda supera um abuso materializado na eliminação de seu abusador, o que se configura como uma experiência catártica para sua audiência feminina. No entanto, a personagem é performada por uma mulher branca, magra e heterossexual, a reforçar discursos e preceitos enraizados na estrutural social que também são propagados pelos meios de comunicação.

Tendo em vista ainda a noção de indústria cultural, compreendemos que tal produção é realizada tendo como foco um público específico: 1) A *graphic novel*, escrita por Brian Michael Bendis e desenhada por Micheal Gaydos (homens), tem o seu público, em sua maioria, constituído de

leitores performativamente masculinos, que seguem os discursos normatizantes, o qual inegavelmente, os autores tentarão “agradar”; 2) já a websérie fora remediada em um outro contexto e, por conseguinte, para um outro público, o qual abrange uma quantidade maior de consumidores: aqueles que vem por conta da remediação em si e aqueles que são consumidores de webséries. Dessa forma, nos é oferecido bens culturais/produtos padronizados visando a geração de lucro, assim, embora considere-se que há subversões na performatividade da personagem, ela não pode ser consideravelmente transgressora, posto que tais transgressões ocorrem de modo administrado e controlado.

## CONCLUSÃO

A partir dos anos 2000, mais especificamente, 2004, pode-se facilmente notar o aumento, embora ainda tímido, de remediações audiovisuais, emergidas de *graphic novel*, que tenham super-heroínas como protagonistas. Entre tais produções, encontra-se a websérie *Jessica Jones* lançada no ano de 2015, a qual abordamos nesse trabalho. Essa websérie trata-se de da remediação de *Alias* (2001-2004), ambas as mídias são protagonizadas pela personagem homônima a websérie. As narrativas das duas mídias recebem fortes influências da literatura e cinema *noir*, desse modo, pôde-se destacar as implicações estéticas do estilo *noir* por meio da análise da sequência abertura de *Jessica Jones*, fazendo um paralelo como tais questões estão postas na série de *graphic novel Alias*, assim como a sua implicação nas narrativas. Para isso, cotejando e analisando imagens das duas mídias, explanou-se sobre os recursos estéticos, tais como: os itens iconográficos, luzes e análise de padrões sobre sexualidade e gênero segundo os pressupostos de Guimarães (2014), Mascarello (2006) e Neale (2000).

Ao observarmos a personagem Jessica Jones sob a ótica da performance de gênero, a partir do conceito de performidade de gênero de Butler (2003), pôde-se perceber que as características dadas a personagem seguem a uma normatização/naturalização de padrões que corroboram para o reforço de discursos e preceitos enraizados na estrutural social, embora apresente peculiaridades em contraposição com outras super-heroínas, bem como, com as características das personagens presentes no gênero *noir*, isto é, temos uma detetive que também é heroína, e a *femme fatale* cede lugar ao antagonista que usa os seus poderes para manipular e, conseqüentemente, causar a destruição da heroína.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

“AKA 1,000 CUTS”. In: *JESSICA Jones*. Criação: Melissa Rosenberg. Produção: Tim Iacofano e Micah Schraft. Netflix em parceria com Marvel Cinematic Universe: EUA, 2015, 13 episódios.

BOLTER, Jay Davis & GRUSIN, Richard. *Remediation – Understanding New Media*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

BRENDIS, Brian Michael. *Alias*. Marvel, 2001-2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

*JESSICA Jones*. Criação: Melissa Rosengerg. Produção: Netflix em parceria com Marvel Cinematic Universe: EUA, 2015, 13 episódios.

NEALE, Steve. *Genre and Hollywood*. London and New York: Routledge, 2000.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. Trans/re/criações do estilo *noir*: das páginas para as telas. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 15, n. 35, p. 295-317, jan./jul. 2014

MASCARELLO, Fernando. Film Noir. MASCARELLO, Fernando (org.). *História do cinema mundial*, Campinas: Papirus, 2006, p. 177-188.